



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ARTEMI RIBEIRO RUELA

**ESCREVIVÊNCIAS E REFLEXÕES ACERCA DO RACISMO E
DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA:
invisibilidade e desigualdade social desde a educação infantil**

Brasília
2023

Artemi Ribeiro Ruela

ESCREVIVÊNCIAS E REFLEXÕES ACERCA DO RACISMO
E DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA:
invisibilidade e desigualdade social desde a educação infantil

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia, na Faculdade de educação, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Ma. Daniela Barros Pontes e Silva.

Brasília - DF
Fevereiro de
2022

Artemi Ribeiro Ruela

ESCREVIVÊNCIAS E REFLEXÕES ACERCA DO RACISMO
E DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA:
invisibilidade e desigualdade social desde a educação infantil

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia, na Faculdade de educação, da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Ma. Daniela Barros Pontes e Silva.

Banca Examinadora:

Ma. Daniela Barros Pontes e Silva (Orientadora) - TEF/FE/UnB

Dr. Saulo Pequeno Nogueira Florencio – UniCEUB

Ma. Daiane Aparecida Araújo de Oliveira – TEF/FE/UnB

Dra. Ana Tereza Reis da Silva TEF/FE/UnB

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR921e Ruela, Artemi Ribeiro
Escrevivências e reflexões acerca do racismo e da
educação antirracista: invisibilidade e desigualdade
social desde a educação infantil / Artemi Ribeiro Ruela;
orientador Daniela Barros Pontes e Silva. -- Brasília, 2023.
33 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Escrevivência. 2. Racismo. 3. Antirracismo. 4.
Educação infantil. 5. Educação. I. Silva, Daniela Barros
Pontes e, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que graciosamente tem me conduzido até aqui, agradeço a minha linda mãe que me ensinou viver a vida com beleza e leveza, dedicando a sua vida a cuidar de mim e meus irmãos, nos proporcionando experiências significativas, agradeço ao meu pai que sempre me incentivou a desbravar horizontes sem limites, sempre trabalhando muito por isso e me dizendo que sou capaz de tudo que quiser, agradeço ao meu irmão Micnéias pela parceria, amizade, incentivo, presença, por proporcionar com sua vida sentidos incríveis a palavra irmão, agradeço a Esthéfane por ser essa irmã maravilhosa que mesmo com sono sempre esteve disposta a ouvir minhas reflexões especialmente a respeito deste trabalho, agradeço a caçula Thálita com quem aprendo mais e mais sobre amor, agradeço a Flávia minha cunhada e manamiga, pela escuta, incentivo, presença e honra dessa amizade, agradeço especialmente a Professora Silvia da turma de aceleração que cursei, por ter acreditado em mim e não desistir, mesmo quando eu já tinha desistido, indo a minha casa me resgatar e aos outros professores que me apoiaram.

Também agradeço especialmente a Daniela Barros Pontes e Silva pelo privilégio e honra que é tê-la como orientadora, sinto que ganhei na loteria das orientações, obrigado pela sensibilidade, compreensão e leveza inspirando calma e paz mesmo diante do caos.

RESUMO

O artigo apresenta, a partir da escrevivência elaborada por Conceição Evaristo, uma reflexão acerca do racismo e dos caminhos para uma educação antirracista, desde a Educação Infantil. A partir da minha trajetória escolar enquanto criança negra - mulher negra, teço um diálogo entre experiências vividas e a teoria especializada. Com autoras e autores como Sueli Carneiro, bell hooks, Sílvio Almeida, Mariléa de Almeida, Grada Kilomba entre outras, procuro sentir e refletir sobre os impactos do racismo na minha trajetória, buscando encontrar caminhos que fizeram e fariam diferença nos atravessamentos do racismo na vida e na vida escolar de crianças negras, da Educação Infantil ao percurso de graduação em Pedagogia, esperando por uma outra educação desde a minha prática. O artigo tem como fio organizador o racismo, a invisibilidade, as desigualdades sociais e a educação.

Palavras-chave: Escrevivência, Educação Infantil, racismo, antirracismo, Pedagogia.

ABSTRACT

The article presents, based on Conceição Evaristo's concept of 'writexisting' (escrevivência), a reflection about racism and the paths to an anti-racist education, from Childhood Education. Based on my school trajectory as a black child - black woman, I weave a dialog between lived experiences and specialized theory. With authors like Sueli Carneiro, bell hooks, Silvio Almeida, Mariléa de Almeida, Grada Kilomba among others, I try to feel and reflect about the impacts of racism in my trajectory, trying to find paths that made and would make a difference in the crossing of racism in the life and school life of black children, from Early Childhood Education to my Pedagogy graduation, aiming for another education. The article has as its organizing thread racism, invisibility, social inequalities, and education.

Keywords: Escrevivência, Childhood Education, racism, anti-racism, Pedagogy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
SUJEITOS DE DIREITO.....	11
RACISMO.....	14
INVISIBILIDADE.....	20
DESIGUALDADE SOCIAL.....	22
EDUCAÇÃO.....	25
REFLEXÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	32

*Eu aprendi qual é o valor de um sonho alcançar,
eu entendi que, o caminho, pedras terá, eu vi em
campo aberto se erguer construção e foi com
muitas pedras e foi com muitas mãos*

*Eu vi o meu limite vir diante de mim, eu enfrentei
batalhas que eu não venci, mas o troféu não é de
quem não fracassou, eu tive muitas quedas, mas
não fiquei no chão*

*E ao olhar pra trás, tudo que passou, venho
agradecer quem comigo estava, ergo minhas
mãos pra reconhecer*

*E hoje eu sou quem eu sou, pois Sua mão me
acompanhava, mas eu sei, não é o fim, é só o
começo da jornada, eu abro o meu coração pra
minha nova história*

*Vejo vitórias e hoje eu olho pra trás, e à minha
frente eu sei existem muito mais, eu sei que minha
jornada aqui só começou, ao longo dessa
estrada, sozinho não estou*

*E ao olhar pra trás, tudo que passou, venho
agradecer quem comigo estava, ergo minhas
mãos pra reconhecer*

*E hoje eu sou quem eu sou, pois Sua mão me
acompanhava, mas eu sei, não é o fim, é só o
começo da jornada, eu abro o meu coração, pra
minha nova história*

INTRODUÇÃO

Geralmente crianças amam o intervalo, a minha criança, nunca gostou.

– Vamos ser amigas? - Não. - Posso fazer parte do grupo de vocês? -Não. Posso andar com vocês? -Não. Eu estava sempre sozinha na hora do intervalo, o pior momento do dia.

O sentimento de inadequação é uma constante que as crianças negras insistentemente tem de lidar, sua presença parece carregar uma áurea de problema que as persegue onde quer que vão, mesmo diante da ausência de ofensas e xingamentos explícitos, a indiferença, uma peculiar invisibilidade e conseqüentemente a solidão são por vezes companhias permanentes que martelam em suas mentes uma certeza, existe um problema. Quando se inicia o processo de formação do entendimento de cidadania no Brasil, este sentido – do ser cidadão - está atrelado a uma pretensão de sociedade branca (ALMEIDA, 2022, p. 94-5), a atualidade é um eco deste tempo triste, que de outros modos ainda se faz presente, assim “o corpo negro é em si mesmo, na sua existência, uma transgressão no âmbito de uma sociedade que se deseja branca” (CARNEIRO, p. 302), existe um ditado popular que diz que “quando se conta uma mentira muitas vezes ela se torna verdade”, uma mentira será sempre uma mentira, mas de tanto ouvir, alguém pode acreditar, até mesmo ter certeza de algo que não é real, mas creio que o mais correto seria dizer, que existem mentiras contadas de modo tão persistente e sofisticado que distorcem a percepção da realidade, o racismo faz isso de modo cruel, como golpes que roubam confiança, esperança, a vida e infelizmente diante de um contexto estruturalmente racista existem crianças que sofrem racismo e acreditam que são elas mesmas o problema, eu já fui uma delas.

É extremamente cruel viver acreditando que sua existência é um problema. A gente (povo negro) não pode só existir, em uma realidade racista é preciso lutar para ter nossa humanidade reconhecida, como educadora pretendo atuar como transgressora da ótica de negação do valor do sujeito negro, deixando claro que sim existe um problema, na realidade muitos problemas englobados no racismo, mas sobre tudo assegurar que as crianças pretas no contexto educativo formal em uma sociedade racista tenham certeza da verdade: elas não são o problema.

Não me constitui do nada, sozinha, em minha história se entrecruzam tantas outras, meu desejo sempre foi escrever sobre algo que fosse realmente importante e significativo.

10

Certa vez meu professor de Sociologia da Educação disse que, viver também é resistir, e esta minha resistência é fruto da resistência de outros que lutaram e viveram muito antes de mim, assim estas linhas seguem pelo traçado de minha própria vivência e sentidos da minha existência pelas vielas do racismo, invisibilidade, desigualdade social e educação, ergo minha voz, como bell hooks (2019), com estas palavras, ciente de que não falo só por mim.

A escolha metodológica e de escrita, para essas breves linhas foi a *escrevivência*. Termo cunhado por Conceição Evaristo, e que se fundamenta na experiência vivida da autora para elaborar narrativas que transcendem a experiência individual e alcançam a experiência coletiva. Neste artigo, parto da minha experiência vívida e reflexiva para narrar os impactos do racismo, da invisibilidade e das desigualdades sociais provocadas pelo racismo na trajetória de tantas outras meninas, meninos, mulheres e homens negros no Brasil. De acordo com a própria Conceição Evaristo:

Como pensar a *Escrevivência* em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu...Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a *Escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *Escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p. 38)

A vida é um processo constante de aprendizagem, e todo conhecimento acumulado pela humanidade é atravessado por subjetividades, aqui teoria e vida se confundem, até porque a teoria é desenvolvida a partir de observações e vivências da realidade concreta então

A partir do contato com o referido termo, torna-se possível constatar que a nossa subjetividade não se separa da nossa escrita, pois além de não existir uma escrita neutra, a dimensão da individualidade, enquanto construto social, não se separa da nossa ação e, ao mesmo tempo, a nossa individualidade se constrói a partir dessa ação. Por isso, torna-se necessário destacar de que a escrita, que ora se sucede neste texto, está acompanhada de um intenso processo de autoconhecimento, pois aqui está uma mulher negra[...]. (MARTINS, 2021, p. 2)

SUJEITOS DE DIREITO

Viver a margem de uma sociedade, sob a negligência diante de necessidades básicas de subsistência, não delineia cenários em que se constitua naturalmente a perspectiva de si como sujeito de direito, a abolição não eliminou a servidão, mas reformulou a subalternidade do povo negro, que era percebido como um empecilho para a formação do sentido de cidadania brasileira e para o avanço e civilização do país, muito pelo contrário as mãos que ergueram este “país” tinham projetados em si, pelos colonizadores que idealizavam uma sociedade branca todo atraso e incivilidade, não foram desenvolvidas políticas públicas de integração dos recém-libertos a sociedade, mas foram pensadas e desenvolvidas estratégias de eliminação de meu povo do Brasil, sob os ideais do branqueamento, e até estipuladas datas para nosso desaparecimento (MACIEL, 1999, p. 132), e se constituía dia a dia uma cultura de manutenção da posição de subserviência, e continuaram sendo tecidas nesta trama social pela hegemonia, uma cultura com representações, símbolos e signos que ressaltam o “modelo de civilidade” eurocêntrico, naturalizando a matriz europeia como referencial, elaborando uma hierarquia que coloca os demais povos e culturas como inferiores e retrógrados, escória.

E o passado vai se reformulando diante das resistências e lutas, “após séculos de escravização, viram imigrantes europeus receberem incentivo do Estado brasileiro, inclusive com terras enquanto a negritude formalmente liberta pela Lei Áurea era deixada à margem” (RIBEIRO, 2021, p. 78), Silva (2018) descreve que em busca de “avanço” na então capital do Brasil, Rio de Janeiro entre 1902 e 1906 o prefeito e renomado engenheiro Francisco Pereira Passos articulou uma reforma urbana no Distrito Federal, buscando adequar-se aos padrões europeus e realizou uma verdadeira “varredura” étnico-racial da população pobre que era em sua maioria composta por negros, e a estes e suas moradias, casarões velhos e cortiços, era denotada a culpa pelos altos índices de insalubridade e falta de atratividade da cidade a imigrantes europeus, o decreto 39 de 10 de dezembro de 1903, proibia no Rio de Janeiro os cortiços e cachoeiras e o que ocorreu foi a “população trabalhadora mais pobre [caracterizada pelos negros ex-cativos] expulsa de suas casas no centro” (SUPPIA E SCARABELLO, 2014, idem), as margens e os morros se tornaram abrigo para os expulsos do centro, habitualmente se atribui a Passos as primeiras favelas do Rio de Janeiro, Maria Carolina de Jesus (2016, p.170) mulher negra, catadora e moradora da comunidade Canindé afirmou em seu livro

grande onde os pobres são lançados, os marginalizados, na realidade concreta as palavras negro e direito soavam contraditórias, como afirma Mattos (1995, p. 404-5 apud Almeida, 2022 p. 94-5), a desqualificação dos indivíduos por qualquer associação com a escravidão repercutia na noção de cidadania criando uma dicotomia entre os nacionais e os imigrantes europeus, assim sendo o estigma da inferioridade racial se estendia a todos os nacionais com exceção da elite.

Como descrita cidadania, direito e moradia estão intrinsecamente relacionados, o cidadão é assistido pelo estado que deve garantir seus direitos, desse modo o estado deveria garantir os meios de inserção social e sobrevivência dos negros libertos, deveria fornecer moradia e saneamento básico a população mais pobre (maioria ex-escravizados) expulsa do Rio de Janeiro, mas na realidade o que existiu e ainda existe e o medo de que o pouco que se tem seja tomado, quando olhavam para os pretos e mulatos viam inferioridade e empecilho para "as possibilidades civilizatórias do país" (CARNEIRO, 2003, p,106), a constituição dizia que todos livres eram cidadãos, no entanto ao pensar minha própria realidade em pleno século XXI é possível ouvir e sentir os sentidos de ontem existindo aqui.

Sinto o eco em minha história, quando pequena tinha um olhar encantado sobre a vida, eu amava os anéis de fiozinhos coloridos, amava mesmo, tanto que nunca os esqueci. Lá estávamos eu e minha mãe de cócoras debaixo do poste de energia, eram momentos tão felizes, ela pegava aqueles filamentos coloridos e tecia anezinhos de todas as cores era mágico. Todo mundo já ouviu se a vida te dá limões faça limonada, eu aprendi com minha mãe, se a CEB (Companhia de distribuição Energética de Brasília até 2021) corta sua eletricidade faça anezinhos coloridos. Não tínhamos um padrão de energia elétrica, utilizávamos gato na fiação, em nosso modesto barraco de madeirite com um super legal chão de lona azul que a mamãe limpava com o pano de chão, não tinha chuveiro e eu tomava banho em uma banheira posta sobre uma bancada ou mesa, em que a água fervente junto a água fria compunha a temperatura ideal, certa vez até queimei o pé ao tentar entrar sozinha na banheira antes que ela colocasse a água fria, meu irmãozinho na época ainda engatinhava e ela já trazia na barriga minha irmã do meio, estava chegando a época da chuva a estrutura da casa era frágil e provavelmente não aguentaria, meu pai havia comprado aquele bom terreno do setor habitacional criado pelo governo na regularização da cidade, de um contemplado, as pessoas só ganharam os terrenos, naqueles espaços que continham todo saneamento básico, só que não

tivemos condições de permanecer ali, no que hoje é considerado um dos melhores bairros.

13

Meu pai teve de vender o terreno, foi visitar outros lugares em busca de uma instalação mais estruturada, existe um bairro chamado Residencial Vitória (até então não regularizado) onde passou com minha mãe por um lugar em frente a mata, esta disse que aquele seria o último lugar que morariam e foi ironicamente o único que puderam comprar, tinha três cômodos de tijolos, dos quais 2 eram rebocados e o chão era de piso queimado, uma evolução e tanto, na época não havia nem mesmo água encanada, tínhamos um poço de água com bomba, de 1 a 2 vezes por semana a CAESB (Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito federal) mandava um caminhão-pipa, os moradores que possuíam caixa d'água as enxiam, os outros levavam seus galões e baldes, quase todos os residentes usavam gambiarra (na energia elétrica), incluindo a gente, mas a CEB em todo tempo em que estivemos lá, nunca foi cortar a eletricidade, este bairro possui água encanada atualmente, postes individuais, mas ainda hoje não tem asfalto tem suas ruas esburacadas e sua estética confere um ar de esquecimento, parece mais castigado que antes, conheço uma pessoa cuja mãe já trabalhou na administração da cidade e afirma já ter visto um documento assinado pelo administrador da cidade que constata que todas as ruas do residencial receberam asfalto.

Nossas gambiarras nunca foram toleradas no Residencial Oeste, mas pareciam invisíveis no Residencial Vitória, assim como suas ruas e seus moradores, que eram medidos socialmente pelo que não tinham, os pés de Toddy. Me lembro quando a Avenida São Sebastião e os bairros principais foram asfaltados, nós já estávamos lá, neste lugar, onde brincava com meus irmãos e vizinhos, assistia TV e me deslumbrava com a escola, que nunca havia frequentado na vida real, eu que era uma professora, fingia que um tambor de lata enferrujado era meu quadro em que dava aula para os alunos imaginários, sempre pedia pra ir na escola e sonhava com esse dia.

Ainda hoje, a realidade concreta de pessoas negras é permeada por barreiras ao acesso à moradia, isso fica muito bem expresso na obra *Devir Quilomba* de Mariléia de Almeida, que descreve a ferrenha, esgotante e incansável luta para obter, manter e assegurar o direito as terras, travada pelas comunidades quilombolas de todo país, e esta é uma luta de muitos brasileiros negros mesmo fora dos quilombos, na minha cidade, São Sebastião DF, de acordo com o Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD, 2021, com um percentual de 74% de negros (pretos e pardos) do total da população urbana, na distribuição dos domicílios 70,3% dos lotes não são regularizados, a lida do risco a derrubada e a dificuldade na busca por

narra também a invisibilidade das necessidades básicas da população quilombola, por exemplo até 2010 no quilombo da Tapera não havia energia elétrica e não havia por parte da população a percepção de si como sujeitos de direito.

Os moradores da Tapera assim como a gente do Residencial Vitória e do Morro da Cruz deviam perceber-se como um problema para o estado, e não como cidadãos protegidos, Mariléia relata que mesmo comunidades que receberam terras de seus “ex-donos”, ou seja, que possuem, uma documentação “legal” lutam cotidianamente por seu direito à moradia.

RACISMO

Com uns 5 anos minha mãe tentou me matricular pelo procedimento da época, que era ligar para o 156, no entanto não havia vagas, só consegui no ano em que eu completaria 7 anos em maio, frequentei o prezinho por 2 dias era tão lindo, todas as crianças pareciam recém-chegadas e colar papel crepom vermelho no morango era muito legal, mas eu estava na sala errada, me encaminharam para uma da 1ª série, foi legal fazer uma bola de folha de revista, pena que não era minha sala.

Minha mãe nunca conseguiu pegar os materiais escolares fornecidos pelo governo, mesmo que tivéssemos o cadastro do programa bolsa família/escola, a mandavam de lá para cá, até que foi cortado. Sempre ia para a escola sem uniforme, nos primeiros dois anos meu pai contratou uma combe para me levar e buscar, me lembro que o motorista sempre abraçava e beijava no resto certas meninas, eu não tinha essa atenção da mesma forma e sentia que elas deviam ser mais bonitas do que eu, até porque ouvia na escola outras crianças falando que eu era feia, assim como minha pequena juba negra, formada pelos cabelos frisados que se erguiam coroando minha face. Me lembro de dizerem que uma menina era a mais bonita da escola, branca com seus olhos claros e seus longos cachinhos dourados, a menina mais bonita da igreja tinha os cabelos pretos, lisos e longos e eu não me parecia com nenhuma delas, as vezes dizia que eu era branca quando bebê, mas estava queimada do sol e por baixo da blusa minha barriga ainda era branca, certa vez até mostrei uma fotografia de quando neném a outra criança que fez uma expressão de quem não sabe o que dizer. Sempre diziam como meu pai teve sorte e perguntavam o que ele fez para conseguir uma mulher tão bonita, com sua pele

clara, seus olhos verdes e seus lisos cabelos negros, confesso que já me senti triste por não parecer com ela.

15

O Ser humano é um ser cultural que se adapta ao meio e adapta o meio a si, em suas interações com o mundo circundantes (o que inclui pessoas), construindo significados e sentidos por meio da cultura, no contexto do racismo aspectos corporais são apropriados culturalmente e significados de forma discriminatória retirando do negro seu status de humanidade (GOMES, 2003) Rodrigues (1986, p. 159) é citado por Gomes (idem), ao afirmar que o corpo é uma expressão metafórica dos princípios que estruturam a vida coletiva, podendo se inscrever na cultura tanto como o que uma sociedade almeja ser, quanto o que deseja negar como já citado, nossa sociedade desde sua constituição se idealizava branca, construindo no imaginário racista a significação do corpo negro por meio da negação, estigmatizando, o ser hegemônico tem esse poder, sem o qual não poderia instituir-se como norma do que é belo e bom e a partir desta norma imposta criar culturalmente essa diferenciação, o negro não sou “eu” ser (branco) hegemônico, uma diferença hierárquica em que o corpo negro é distorcido e descrito como expressão do que é inferior, feio e mal (KILOMBA, 2019, p. 75-76), minha mãe e meu pai, sempre me disseram o quanto sou bonita, mas imersa em um contexto em que a minha imagem e pessoa como diz Carneiro (2005) é apropriada em categorias que me são estranhas em que a “superioridade” do fenótipo europeu é naturalizado, é compreensível o desenvolvimento de uma relação conflituosa com minha própria imagem, afinal se ser preta é ser feia, eu não sou, certamente não sou essa representação distorcida.

Eu amava brincar e ajudar a cuidar das crianças menores da igreja, quando tinha uns 5/6 anos todos brincávamos no fim do culto de pega ladrão, pique pega e similares, mas à medida que crescíamos a realidade parecia cada vez mais com um filme americano, com os grupos dos populares e os excluídos preteridos, as crianças da minha idade não queriam ser minhas amigas, assim como as crianças da escola também não, estava sempre envolta pela nuvem do sentimento de insuficiência, como se houvesse algo errado que fazia com que a maioria das pessoas evitasse minha companhia, a maior parte da vida na escola, minha presença era quase fantasmagórica como um espírito solitário e triste que rondava os corredores da escola sem ser percebido.

A lógica racista sob os símbolos, signos e significados inscritos na cultura, a ideologia dominante, essa construção no imaginário do que é “a representação de nossa relação com a realidade”, tapeçaria que é tecida muito além do imaginário, na realidade concreta dos

que fui, ser inteiro aos olhos de minha mãe e meu pai, descobrindo o mundo em meu quintal, se depara com uma representação de si como ser incompleto, pois “nas dinâmicas do racismo, nós nos tornamos sujeitos incompletos. Sujeitos incompletos não são iguais a sujeitos completos; os últimos mantem o poder” (KILOMBA, 2019, p. 80)

Quando cheguei na minha turma definitiva, já sabia escrever meu nome e copiar qualquer coisa em letra de forma, meus pais haviam me ensinado, porém não sabia ler, diferente da maioria dos colegas de turma que haviam feito o prézinho e já eram alfabetizados, assim eu fui recebida por eles como uma menina burra. Tinha muita preguiça de copiar os textos do livro então copiava um pouco, a minha sensação era de que a professora achava que eu não conseguia (também, eu demorava muito!), então me aproveitava disso para copiar o mínimo possível, achava legal quando pedia e a professora me dava pedaços de giz para brincar de escolinha em casa, no pequeno quadro que meu pai comprou. Fiquei muito feliz quando aprendi a ler, pois podia escrever cartas a minha mãe e também para a professora, talvez por não ter amiguinhos e ganhar giz de quadro, acreditava que ela era a única da escola que gostava de mim, apesar de não dar muito crédito as minhas palavras, era assim:

A garota dizia ter me dado algum lápis de colorir, depois pedia que eu os devolvesse, não devolvia, pois ela havia os dado, então ela chamava a professora e a professora me fazia devolver, tudo bem, mas a garota furtava minhas coisas eu chamava a professora e ela não acreditava em mim. Não me lembro o porquê, mas esta mesma menina me deferiu um soco no estômago e constantemente com seus cabelos cheios de lêndeadas (que dizia estarem mortas), me humilhava diante de toda a turma me chamando de piolhenta. Essa era a primeira série.

Achei que se tivesse um lindo tênis rosa, se meu pai comprasse uma mochila mais legal e cadernos com capas de desenho, as outras crianças me achariam mais legal.

Faço amizade com uma garotinha da sala, que no entanto, brinca com outra amiga na hora do intervalo em que eu ainda fico sozinha, há uma menina que diz que não gosta de mim sem motivo aparente e por isso quer me bater, sempre corro pra sala dos professores na hora do intervalo, enquanto ela corre atrás de mim, para não apanhar, toda criança quer ser querida pela professora, mas tinha aquela forte sensação de que a professora não gostava de mim, ela não gostava que eu conversasse durante a aula com a menina que não brincava comigo, durante o intervalo, certo dia meu pai me comprou um lápis mole colorido que estava na

moda, que por sinal se mostrou pouco prático para escrever, não tinha a estabilidade

17

necessária, contudo perdi meu lápis normal e só tinha aquele e usava a duras penas, com muita dificuldade, era aula de matemática estávamos aprendendo multiplicação, a professora se aproxima: - Você presta mais atenção neste lápis do que no quadro! Pegou meu caderno, olhou as contas: Você não sabe fazer continhas de vezes? Se não aprender vai reprovar! Após dizer isto pegou meu lápis e o levou e agora eu não tinha mais com o que escrever. No dia do banho de mangueira ela disse surpresa que achava que o meu cabelo fosse duro igual ao da Jaqueline ao manuseá-lo, quando a pedi que me penteasse, naquele momento senti um misto de tristeza e alívio, tristeza porque aos olhos dela meu cabelo parecia duro, alívio, como um UFA! Não é duro. Um dia fui a uma festa na escola com meu irmão, havia umas presilhas coloridas de cabelo, as surrupiei, pois, acreditava que se as usasse me achariam mais bonita. Isso é a segunda série.

Nunca vi a professora tocar os cabelos da Jaqueline e antes mesmo de tocar os meus concluiu que fossem duros, a avaliação informal dos professores acaba por refletir o racismo e repercutir também de modos diferenciados entre os indivíduos, é quando a humanidade dos estudantes é balizada pelo professor, as crianças estão desenvolvendo sua autopercepção, autoestima e a atuação da(o) professora(o), irá repercutir positiva ou destrutivamente no desenvolvimento dos educandos, uma vez que esse processo, sendo nós seres sociais, é atravessado pelas impressões expressas - no ambiente escolar - projetadas pelos professores e pelos pares (VILA BOAS, p. 13).

Sou uma ótima desenhista e muito criativa com artefatos de papeis, me envolvo com muitas crianças durante a aula fazendo desenhos e coisas de papel pra quem pede em sala, todas brincam com outras crianças na hora do intervalo em que a solidão ainda é minha companhia, mas mudo de escola, meu irmão também estuda lá, sempre vamos juntos andando, os pés de Tody, bebemos água no caminho em uma oficina ou lá na loja de tintas, sempre alegres com nossas malas de viagem que meu pai encontrou trabalhando no caminhão que recolhia os lixos no Condomínio Solar de Brasília, ficamos tão felizes, pois sempre tivemos vontade, mas nunca havíamos tido mochilas de rodinha, e essas são mochilas muito grandes, com rodinhas, ou seja, muito incrível! Não tínhamos nem mesmo os tênis e o uniforme escolar que o governo fornecia e o meio que meu irmão encontrou de se adaptar foi levar uma câmara fotográfica quebrada que meu pai encontrou, que não funcionava e dizer a todos da turma que era rico, tirando fotos imaginárias que as outras crianças supunham reais;

quando um menino do nosso bairro disse que era mentira, pois já havia visto a nossa casa,

18

logo contestou afirmando que era um disfarce para os bandidos não nos roubarem, pois por dentro nossa casa era uma mansão, ele estava na 1ª série, mas já na minha sala haverá um amigo oculto, acontece o sorteio dos nomes, uma menina surta, começa a gritar e protestar pois tirou o meu nome e por isso diz ao professor que não vai participar, o professor troca o papelzinho dela com outra garota, que aceita com o pedido do professor ficar com o meu nome e eu com o dela, somos as únicas amigas não ocultas da brincadeira. Essa é a terceira série.

Não apenas o fenótipo foi apropriado culturalmente e inscrito como estigma, no iluminismo em que o ser humano não é apenas sujeito do conhecimento, mas também objeto de conhecimento, foram construídos os fundamentos para comparação e depois hierarquização dos grupos humanos, com base não apenas nas características físicas, mas também culturais dos povos, foram os ideais iluministas que influenciaram a revolução Francesa que pregava valores ditos universais a “homens” cidadãos, de liberdade, igualdade e fraternidade, no entanto quando o povo negro escravizado pelos franceses resiste e reivindica sua liberdade e igualdade culminado na revolução Haitiana, esta não foi bem recebida e nesse contexto socio histórico (ALMEIDA 2019, p. 2-26) as diferenças “são construídas, inventadas pela cultura. A natureza é interpretada pela cultura. Ao pensarmos dessa forma, entramos nos domínios do simbólico. É nesse campo que foram construídas as diferenças étnico/raciais” (GOMES, 2003, p. 78), o termo raça emerge, como afirma Silvio Almeida (2019, p. 28) como justificativa da não universalidade dos ideais, “uma das tecnologias do colonialismo europeu para submissão e destruição das populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania” surgem os determinismos biológico e geográfico no séc. XIX em que a pele não branca e o clima tropical conferiam a inferioridade civilizatória, pouca inteligência e comportamentos imorais, atributos supostamente inatos.

Como visto na formação dos sentidos de cidadania do Brasil o negro é definido como Não ser de direito, apesar da constituição de 1888 declarar que os libertos eram cidadãos, construindo na realidade concreta impasses para existência negra e a naturalização do racismo, das desigualdades existentes, com as resistências e lutas, houve avanços, mas o racismo se reformula e é institucional, não apenas um fenômeno ideológico colocando pessoas de cor em vidente desvantagem em relação a sujeitos brancos (KILOMBA, 2019, P. 78), Silvio (2019, p. 40) reitera, os grupos que possuem o domínio sobre a organização

interesses, naturalizando a dominação, para isso em busca de consenso no enfrentamento das resistências concessões são concedidas, no entanto, são mantidas as estruturas de manutenção das desigualdades.

A infância é parte da sociedade (MÜLLER, 2006, p. 55) e conseqüentemente as crianças não estão indiferentes a realidade que as circunda, Sarmiento ([21-?], p. 8) esclarece que as questões estruturais e simbólicas da realidade social em que a criança está imersa são responsáveis pela produção de possibilidades em que sua subjetividade e atuação social serão constituídas e “este processo é tanto criativo quanto reprodutivo” e se tratando do contexto racista Gomes (2003, p. 78) explica que estamos “entrando em um terreno complexo, em que identidades foram fragmentadas”, Almeida afirma que a discriminação racial, pode ser tanto direta como indireta e mesmo em um contexto como o meu de escola pública em que grande quantidade das crianças é não branca, as dinâmicas racistas são reproduzidas, existe uma fragmentação da auto percepção, as crianças buscam ser reconhecidas, valorizadas e amadas e por vezes tentam se adequar aos pressupostos estabelecidos socialmente e a se distanciar de qualquer tipo de associação com o que é significado culturalmente como desvalor, e nessa convergência da negação do sujeito de direito, do acesso aos bens de consumo, do fenótipo se concretiza a imagem estigmatizada que é naturalizada como lugar de inferioridade e então “a ferida do presente é a ferida do passado e vice-versa” (QUILOMBA, 2019, p.158), o negro marginalizado era ignorado como componente da formação da identidade cidadã brasileira, e quando sua presença era notada, era como um empecilho, de modo semelhante a criança estigmatizada é ignorada e quando percebida é como um problema, “as identidades têm significados sociais que são perceptíveis as crianças que se apropriam deles lhes atribui significados” (CARDOSO, 2021, p. 104).

Havia breves momentos de felicidade quando na hora do intervalo grupos de criança realizavam brincadeiras coletivas como toque, ou peteca e eu participava e me sentia integrada, mas a maior parte do tempo sou o mesmo espírito martirizado pela solidão. Uma menina me chama pra ir à casa dela no fim da aula, me doa umas roupas e me diz que eu deveria me vestir melhor, disse que antes morava em uma casa com piscina, mas o tio tomou a casa dela e da mãe, pede para não contar a ninguém que ela mora em uma casa de madeirite agora, ao que parece ela tentava com isso me ajudar a ser aceita, mesmo que não brincasse comigo na escola, parecia sentir pena. Esse foi o ano do Proerd (combate ao uso de drogas) na

formatura do projeto em todo o batalhão de estudantes eu era a única que não havia comprado o uniforme. Estava na quarta série.

Nesse ano aprendi a cozinhar porque minha mãe grávida não conseguia comer a própria comida, perdeu bastante peso, então teve de me ensinar, minha irmã caçula nasceu, na época não sabia, mas minha mãe estava com depressão pós-parto.

Meu pai sempre frisava a importância de ir à escola, não permitia que faltássemos um dia sequer, dizia que sem estudar, me tornaria operadora de fogão (e eu absolutamente não queria ser), mas se estudasse seria doutora, teria uma vida melhor, poderia me tornar engenheira civil.

O racismo é assim, a supremacia branca necessita de poder para inventar diferenças, hierarquiza-las, estigmatizando e inferiorizando os indivíduos racializados, uma forma de discriminação sistemática que se expressa por meio de práticas conscientes e inconscientes, uma construção de significação cultural dos sujeitos não hegemônicos como Outridade, personificação do que o sujeito branco nega e não quer ser, e se mantém por meio da institucionalização nos “sistemas e agendas educativas, mercado de trabalho, justiça criminal, etc.” Organizando a realidade concreta de modo que resulta em desvantagem para os indivíduos racialmente não hegemônicos e privilégio para o ser hegemônico (ALMEIDA, 2019, p. 32; KILOMBA, 2019, p. 75-78).

INVISIBILIDADE

O que aconteceu com o enorme contingente de pessoas após a abolição que não tinham emprego, nem casas, não possuíam nada, sua existência era invisível no projeto de cidadão branco, assim como suas necessidades para sobrevivência, e sua cidadania, o plano era que largados a indiferença desaparecessem e se extinguissem, quando percebidos eram tidos como problema, em 1941 com a alta taxa de desemprego de homens negros a lei da vadiagem que perseguia quem estava na rua sem uma ocupação clara, criminalizava a população negra (RIBEIRO, 2019, p. 97), no racismo cotidiano passado e presente se entrecruzam (KILOMBA, 2019, p. 158), voltamos aos pós abolição em que o cidadão negro era invisível, pude ver ao longo da minha história a indiferença quanto as necessidades

Sueli Carneiro (2003, p.) expressa bem essa lógica racializadora que entendo como resultante do processo de invisibilização do sujeito negro, a completa negação de sua humanidade, utilizando-se das conceituações de Heidegger (2002, p. 27-28) de Ôntico e Ontológico, em que o ôntico se refere as particularidades do ser, como cor, cultura, religião enquanto que o Ser, Ser propriamente humano é uma expressão do ontológico, o racismo reduz o indivíduo a sua dimensão ôntica, inscrevendo apenas o ser hegemônico na dimensão ontológico estabelecendo a si, pela negação do outro, como Ser propriamente humano, e os povos não ocidentais são reduzidos as suas particularidades que são significadas de modo negativo. Atribuindo aos sujeitos racializados a incivilidade e incapacidade como características inatas:

“O Não-ser assim construído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: auto-controle, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de “coisa que fala” (CARNEIRO, 2003, p. 99).

Havia um menino que usava o uniforme do governo, sandálias havaianas e levava o caderno na mão sem mochila, no ano anterior havíamos tido como preparação para a 5ª série, três professoras, uma de português, uma de matemática e outra de ciências e geografia, ao descobrir que teríamos 11 disciplinas ele disse que seria muito difícil e, portanto, não iria mais a escola, era o primeiro dia, mas ele realmente nunca mais voltou. É muito cansativo, mas seguia na tentativa por me integrar, mas estava sempre sobrando, a sensação era que cada dia que eu ia a escola era como vencer uma guerra, andar pelos corredores sozinha em meio a tantos era como carregar nos ombros a rejeição do mundo, doía tanto, dizia a mim mesma que se me conhecessem saberiam que sou legal, uma senhora que vendia balas do lado de fora me deu meu primeiro uniforme escolar, ela recebia do governo para o filho dela e me deu um, eu andava sempre tão triste que as vezes me dava balas ou um salgadinho, era o jeito dela de me incentivar a não desistir, mas os dias de derrota só aumentavam a cada dia e faltava muito as aulas. Houve uma troca, entrou uma nova professora de matemática, que disse não gostar de alunos que faltavam sua aula e retiraria um ponto da média por dias de falta, constatei a veracidade dessa ameaça na lista com os nomes e médias reduzidas colada na parede. A professora de ciências advertiu, se eu chegasse atrasada mais uma vez, não me deixaria entrar

professora de Ciências advertiu, se eu chegasse atrasada mais uma vez, não me deixaria entrar, e nos mais de 4 quilômetros arrastados até a escola em sol escaldante, fui barrada na entrada

22

da sala, desci as escadas e chorei compulsivamente, na parte superior uma professora olhava da porta da sala para mim lá embaixo, mas nada fez, sai passando pelo guarda e o portão da escola, meu pai insistiu o quanto pode para que eu fosse a escola, ameaçou dar-me uma surra, eu disse que tudo bem, mas não iria mais mesmo assim, me partia o coração decepciona-lo, mas nunca mais voltei, ninguém apareceu em minha casa, nem mesmo o conselho tutelar, nenhuma ligação, se fantasmas não são vistos quando estão presentes, porque notariam sua ausência. Quinta série.

A escola é um espaço para sujeitos, Seres do conhecimento e do saber, quando aquele menino desistiu, ou quando sai por aqueles portões e não mais voltei, na distorção racista éramos como ninguéns saindo pelo portão, nosso direito a educação, nossos saberes, nossas necessidades afetivas, eram completamente invisíveis éramos como “coisa que fala” ocupando aquele espaço, não havia um porquê para minha professora de matemática encorajar ou instigar o desejo de aprendizagem, ao não perceber em mim um sujeito de aprendizagens, como a fala de uma professora em uma pesquisa realizada no maranhão em 1994, por Reichmann, (1995, p. 503, apud. CARNEIRO, 2003, p. 116), que diz: “com estas crianças, o melhor que você faz é conseguir que venham às aulas, mesmo que de vez em quando, para aprender a assinar o nome e somar” minha presença fantasmagórica diante da indiferença, mesmo no momento da minha desistência expressavam minha invisibilidade na escola, do mesmo modo que as necessidades de saneamento básico no bairro Residencial vitória.

Fico pensando em um vizinho que tive também percebido na escola como um Não-ser do conhecimento, que insistentemente repetiu a 2ª e 3ª séries, senão me falha a memória, até que desistiu, como muitas crianças e jovens negros na escola sua luta e preocupação provavelmente não era por notas, mas por reconhecimento, lutando contra a indiferença marcando presença e se fazendo percebidos por todos que tentavam fechar os olhos para sua existência.

DESIGUALDADE SOCIAL

Tentei em outra escola no ano seguinte, mas antes das férias do meio do ano, vendemos a casa, meu pai comprou um lote no Morro da cruz onde construiríamos um novo

lar, sofremos um assalto, uma arma foi colocada em minha cabeça, minha mãe ficou

23

traumatizada e fomos para a cidade de Paracatu – MG, era para ser uma espécie de férias, para não pensar no ocorrido, mas acabamos morando lá por mais ou menos um ano e meio, fui transferida para uma escola de lá, só tinha uma calça que considerava “descente” e uma rasteirinha nova, restando roupas surradas e as havaianas, fui uns 2 dias, que pareceram muito bons, mas fiquei com tanto pavor de vivenciar tudo de novo que tomada pelo medo, não concluí o ano letivo, Retornei no ano seguinte em outra escola, fiz amizade com colegas de classe, mas era perseguida pela sensação de que não andariam comigo, assim minha vizinha que estava em outra série era com quem eu passava a maior parte do tempo no intervalo e matava muitas aulas, consegui a média necessária em todas as disciplinas e antes do fim do ano letivo voltamos para São Sebastião.

Alugamos uma casa de 2 cômodos e um banheiro externo que era compartilhado com o dono, iríamos construir um teto para nos abrigar no lote, então foi contratado um conhecido para capinar o terreno, acontece que este retornou ao ser expulso por ameaças e arma de fogo, a verdade é que o vendedor revendeu o espaço a um Policial Militar enquanto nos abrigávamos em MG, e é claro que apesar de sermos os compradores iniciais o PM ficou com o terreno, enquanto isso o vendedor picareta a muito custo entregou como compensação uma Caravan velha, não tínhamos uma casa, só um gol quadrado que foi vendido e assim compramos um terreno menor que meio lote de uns 4-5 metros de largura com um barraco ao fundo que cabia uma cama de casal, um beliche e o fogão, o armário ficava no lado de fora, assim como o sanitário sem chuveiro e mais distante uma pia ao relento que usávamos para lavar louças e roupas, e lá estávamos nós 6 pessoas.

Quanto a este cenário Almeida explica que:

A prática da discriminação racial direta e indireta, culmina ao longo do tempo em um fenômeno intergeracional que é a estratificação social, em que a trajetória de vida dos membros de um grupo social é afetada, em suas chances de ascensão social, de reconhecimento e sustento material (ALMEIDA, 2019, p. 33)

Nesse meio tempo iniciei outro ano letivo, no primeiro dia de aula não tinha uma calça, usei uma mini saia jeans com o uniforme, no dia seguinte meu pai deu um jeito e comprou uma calça que desde então usava quase todos os dias, a sensação era de que no começo eu parecia mais uma estudante o que é bom, mas ao passar dos dias ia me tornando a menina que só

tinha uma calça que não era das mais bonitas e um tênis, alvo de deboches e aquela que

24

evitam estar perto. Certo dia a professora disse que haviam pessoas brancas mais negras que as pretas em sua genética e pretas mais brancas que os claros em seu sangue, como exemplo apontou como o nariz de uma menina de pele, cabelos e olhos claros verdes, era um nariz de negro e apontou o meu como um nariz de branco.

Havia uma moça negra que também parecia ser a pobre entre os pobres, mal entrou já desapareceu, ninguém perguntou por ela ou citou seu nome, imagino que tenha ocorrido o mesmo quando desapareci completamente das aulas.

De acordo com a UNICEF em o “Cenário de Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na educação” em 2019, em números absolutos as crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos autodeclaradas pretas, pardas e indígenas, correspondem a 71, 3% das crianças e adolescentes fora do sistema escolar, os dados ainda mostram que quanto menor é a renda, maior é a porcentagem de crianças e adolescentes fora da escola, famílias com renda per capita superior a três salários mínimos correspondem a menos de 1% do total, já os mais pobres com renda per capita familiar de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo apresentam um percentual de 32, 3% e 29,6% com renda de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, e as crianças fora da escola pretas pardas e indígenas correspondem a 61,9% das famílias com renda domiciliar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo.

A economia brasileira foi desenvolvida em um contexto histórico cultural racista, o racismo não pode ser dissolvido nas questões socioeconômicas, mas é impossível compreender a divisão de classes sem compreender as questões raciais, vivemos em uma realidade capitalista é o que explicita Silva (2021, p. 186) e descreve que para Clóvis Moura (2014, p. 219) a lógica do racismo esteve atrelada a lógica de classes desenvolvida no Brasil, pois com a abolição em 13 de maio, a igualdade perante a lei, diante da competitividade do sistema capitalista, servia apenas como mito protetor, que encobria as desigualdades sociais, econômicas e étnicas. Almeida (2021, p. 178-192) também discorre sobre o fato de que o racismo científico foi substituído a partir de 1930 pela ideia de “democracia racial”, que é quando se inicia o processo de adaptação do Estado Brasileiro ao capitalismo industrial quando a ampliação do mercado de trabalho absorveu pretos e pardos as classes trabalhadoras, reitera que em uma percepção rigorosa de desenvolvimento que engloba a difusão do bem estar social, democracia, distribuição de renda e igualdade, o Brasil com o processo de industrialização não alcançou o desenvolvimento, mas apenas um crescimento

“a ideologia da democracia racial produz um discurso racista e legitimador da violência e da desigualdade racial diante das especificidades do capitalismo brasileiro” (SILVA, 2021, p. 181).

EDUCAÇÃO

A escola pode ser um lugar onde o Sujeito do Saber e do conhecimento é assassinado, o que Sueli Carneiro (2005, p. 324) chama de epistemicídio:

Dinâmica e produção que tem se feito pelo rebaixamento da auto-estima que compromete a capacidade cognitiva e a confiança intelectual, pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, nos instrumentos pedagógicos ou nas relações sociais no cotidiano escolar, pela deslegitimação dos saberes dos negros sobre si mesmos e sobre o mundo, pela desvalorização, ou negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade, pela indução ou promoção do embranquecimento cultural, etc.

No ano seguinte fui para uma turma de aceleração tentar pela 3ª vez, sempre tinha um desempenho notável quando participava.

Tive um professor estranho que hierarquizava a estética feminina da sala e por vezes dizia quem eram as moças mais belas, me incluindo no hol, minha professora de inglês era negra, alta e magra como eu, com um deslumbrante Black Power, diziam que eu era sua filha, pela semelhança, esse professor certo dia comentou com a turma, que apesar de achar mulheres como nós lindíssimas, não ficaria com mulheres desse tipo, preferia outro tipo. O tipo de comentários que distorcem e minam a autoestima.

Mas estes professores, a maioria, eram diferentes, pareciam se importar, minha professora de português disse que eu era a mais inteligente da turma, ainda assim, soa repetitivo de um modo triste, mas desisti de uma vez por todas, estava conformada ao meu trágico fim, sem perspectiva de futuro e indiferente a possibilidade de operar fogões, com uma angústia e frustração internas por não voar tão longe quanto meu pai acreditou que eu iria. Era como se meu futuro estivesse definido e eu aprisionada, a escola era um espaço que emanava uma ruptura interna, uma desconexão total com qualquer resquício de percepção de

capacidade e valor em mim, como nada contra a onda mais brava tentando atravessar o oceano, sempre a margem, como alguém não pertencente aquele espaço tentando toma-lo a

26

força, contudo me encontrava sem energias sendo sempre regurgitada para fora, “o epistemicídio constitui-se numa parte do dispositivo de racialidade, que se desdobra no âmbito da subjetividade” (CARNEIRO, 2005, p. 277), as motivações para permanecer na escola se relacionavam ao sentido de ser alguém na vida, mas mesmo com o incentivo de alguns professores naquela parte do trajeto, ainda era percebida neste espaço como Não-Ser do conhecimento e por isso não pertencente e internalizava “a profecia auto-realizadora legitimadora de uma inferioridade intelectual essencializada” (idem, p. 278), pois este é rotineiramente um ambiente onde

As crianças são simbolicamente massacradas, porque os estudantes, especialmente nossos negros, estudam em escolas públicas que produzem neles a sensação de inferioridade e ausência de pertencimento em relação à nossa sociedade, dificultando-lhe a mobilidade social e cristalizando, naturalizando as desigualdades.” (Reichmann, 1995, p. 503, apud CARNEIRO, 2005, p. 116)

As vezes chorava a noite enquanto orava antes de dormir, com o fato de que provavelmente não concluiria o Ensino fundamental. Em um culto na igreja, uma mulher desconhecida foi ministrar, perguntou se eu estava indo a escola, mesmo sem me conhecer disse que eu deveria retornar, que eu fizesse minha parte, pois Deus faria a dele, pois Ele tinha planos para minha vida que incluíam a escola, ouve também outra ocasião em que um homem que também não era conhecido ao ministrar sobre minha vida advertiu que eu deveria retornar a escola, nesta noite em minha oração disse a Deus que para mim, isso era impossível, não conseguia voltar pra escola, então cantei:

“Quando o que era possível, se torna impossível, Deus começa a agir, Ele abre sempre uma porta onde não há saídas, o impossível Deus faz acontecer” (Adaptação de música cantada pela cantora Aline Barros).

Houve outros estudantes que desistiram naquela turma de aceleração, um rapaz era meu vizinho, envolvido com o tráfico de drogas.

Um carro buzina, eu vou atender, nunca esperaria por algo assim, mas era minha professora de português na minha minúscula casa, decidida a me fazer retornar as aulas, não havia frequentado um dia do 3º semestre, mas me garantiu que eu iria para a 8ª série, trouxe um bocado de esperança e perspectiva de futuro, prometi que retornaria. Meu vizinho também recebeu a visita mas nunca retornou

Fui recebida de forma calorosa pelos professores que se comprometeram a me ajudar, perguntei ao professor de História se eu realmente “passaria de ano”, que respondeu que sim, pois eu era a aluna mais apta a cursar a 8ª série, assim sendo se eu não pudesse os outros também não poderiam.

Neste cenário, minha professora de educação física, me perguntou o que eu estava fazendo lá, depois de faltar por tanto tempo, como quem diz -Volta pra casa.

Considero um milagre ter gabaritado a prova de matemática no último semestre, mas enfim, fui para a série seguinte, todos os alunos vindos da aceleração foram colocados na mesma turma, éramos reconhecidos como a pior turma.

Certa vez gratuitamente dentro do ônibus escolar, uma colega de classe começou a gritar a todos no ônibus enquanto sorria e caçoava (Não sei qual a graça) que ninguém queria andar comigo na escola, eu não tinha amigos, estava sempre sozinha e só ficava junto de certo grupo porque era o único que não se importava.

Minha professora de matemática disse que eu tinha uma ótima compreensão dos conteúdos e que me prejudicaria permanecer naquela turma, hoje percebo que meus colegas precisavam apenas de professores que realmente os percebessem e acreditasse.

Troquei de turma da 8ª G para a 8ª B, sempre tirava as melhores notas nas provas de matemática e tinha de modo geral um desempenho muito bom nas demais disciplinas, porque houve quem acreditasse em mim. Para anular o saber do sujeito e sua capacidade de produzir conhecimento é necessário antes, negar o próprio sujeito (CARNEIRO, 2005, p. 97), invalidá-lo, houve sim, professores que me incentivaram a aprender e acreditavam em meu potencial, mas quando mudei de turma, acredito que não disseram ao professor representante da nova classe o motivo da minha troca de sala, e certa vez diante de minhas notas altas ele disse algo como: - Achei que você fosse uma aluna que não quisesse nada com nada, mas vi que você é uma aluna diferente. A partir de então passou a me ajudar diante das dificuldades matemáticas, um estudante pode mudar de turma por diversas razões, mas ao que parece ele concluiu antes mesmo de me conhecer que eu fosse uma garota problema, sempre fui uma boa aluna “por não dar trabalho”, os professores poderiam quase nunca dirigir uma palavra a mim, mas se me comportasse bem, na reunião de pais, ao menos esse reconhecimento eu teria, basicamente, se você segue o script você é aprovado. Geralmente os professores não perdiam tempo com estudantes que poderiam comprometer o desenvolvimento de seus prodígios,

possibilidades civilizatórias, e tudo que se conseguiu foi sempre a base de muita resistência e luta.

Comecei a trabalhar no 1º ano do Ensino Médio, mudei de escola devido ao turno, meu desempenho caiu quando comecei no emprego como aprendiz, mas mantive todas as médias com exceção de matemática que fiquei de dependência, meu professor dizia que cobrava mais do que o conteúdo dado, pois estava nos preparando para a faculdade.

Retornei a escola anterior em que concluí o 2º e 3º anos do EM, a maioria da minha turma de aceleração não estava mais presente naquela escola no final do terceiro ano do ensino médio, também não me encontrei com eles nos corredores da faculdade, mas a verdade é que como diz Carneiro (2005, p. 279) os índices de evasão refletem formas de exclusão e expulsão, e as suspeitas veladas ou explícitas dos educadores quanto a sua educabilidade, se expressam quando a professora me pede para mudar de turma para poder avançar, refletindo seu sentenciamento a estes como Não-ser do saber e do conhecimento, projetando para estes uma representação negativa de si mesmos.

Não tinha Internet em casa e só fiz uma etapa do PAS, pois minha prima fez a inscrição, contudo fiz o ENEM, consegui uma vaga na UnB em gestão ambiental, era um curso que não tinha muito a ver comigo, fiz um curso técnico em nutrição e Dietética e entrei no curso de Pedagogia da UnB em cotas para negros no 1º semestre de 2018, pelo SISU.

Já seria grande coisa para quem não prévia concluir o ensino fundamental, um curso técnico, mas estou no fim do percurso da graduação em Pedagogia em uma das melhores universidades do país.

Uma vez que o racismo é institucionalizado e a escola uma instituição social responsável, pela organização, transmissão e socialização dos conhecimentos e da cultura, ela promove representações negativas das pessoas negras, servindo como mecanismo de manutenção e perpetuação do racismo, no entanto pelos mesmos motivos se constituiu como um importante espaço de transformação dessa realidade (GOMES, 2003, p. 77) e transgressão da lógica epistemicida, desde que os educadores entendam a importância da compreensão do processo histórico-social do desenvolvimento do racismo e utilizem todo recurso conquistado sob luta e resistência, além de “ênfatar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra” (idem), percebendo as crianças como seres sociais plenos e de direito, possibilitando o reconhecimento da beleza da cultura e

Branquitude na Educação infantil, em seu processo investigativo demonstra que crianças pequenas aceitam conversar sobre cor/raça, pois como elucida hooks, (2021, p. 68) essas impressões iniciais da infância marcam profundamente os comportamentos relacionados a raça, para tanto é necessário rejeitar estratégias superficiais que se restringem a datas específicas, acima de tudo entender que sejam grandes ou pequenas “ver as crianças e não apenas olha-las, escuta-las e não apenas ouvi-las, são práticas não só interessantes mais necessárias” (COLTINHO, 2002, p. 94 apud CARDOSO, 2021, p.24), hooks (idem, p. 91) traz uma citação de Parker [20--?] que muito contribui com as reflexões aqui propostas ao dizer que em sua melhor forma a educação, processo de ensino aprendizagem não se restringe a obtenção de informação ou preparação para inserção no mercado de trabalho, em suas palavras: “educação tem haver com cura e plenitude. Está relacionada com empoderamento, libertação, transcendência; renova a vitalidade. Diz respeito a encontrar e reivindicar nossa existência e nosso lugar no mundo.”

REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho é a culminância dos esforços e resistência de outros que eu nem conheci, que de certo modo insistiram e viveram para que eu estivesse aqui, que vislumbraram um horizonte de esperança diante de crueldades inimagináveis, e então permaneceram e lutaram.

Mais uma já vez me vi diante da impotência que senti com 11, 12, 13 e 16 anos, em que as ondas da escola me expurgavam do sistema educacional, a menina que fui e que venceu a educação básica a duras penas estava de mãos dadas comigo em todo o percurso, eu mesma um dia cheguei a acreditar que não percorreria metade do trajeto que alcancei, a escrita por vezes se travou diante da sensação de insuficiência, encontrei alento nas palavras de Sueli Carneiro (2005, p. 322), somos "Combatentes do epistemicídio que põe em cheque nossa capacidade de bem pensar e agir. Ficamos em permanente estado de dúvida e alerta" e assim como ela acredito que a confiança vai se construindo na luta permanente contra as dinâmicas de inferiorização, esse é um passo muito importante que representa uma conquista não apenas minha, mas também de meu avô preto retinto carroceiro que lutou para que meu pai vivesse um novo horizonte, de meu pai mecânico, motorista, serralheiro, que fez o mesmo

por mim e meus irmãos, dos que vieram antes deles, sei do significado e importância de ser a primeira da família a estudar em uma universidade federal.

30

Para meus pais a educação formal era como uma porta de esperança para um futuro melhor, mas na realidade se revelou como um lugar de desesperança e angustias, não era um espaço de florescimento, mas um campo minado todo equipado com bombas vindas por todos os lados no intento de me afugentar e conduzir a desistência e eu realmente sucumbi algumas vezes, sem ânimo, motivação, força ou esperança para continuar. No entanto, houve quem tecesse fios de esperança e perspectiva e me ergui outra vez, outra vez e outra vez e cabe a nós romper com essa lógica epistemicida e contribuir para a construção de espaços educativos em que todos sejam reconhecidos, acolhidos e amados, onde as crianças não se sintam como um problema, mas vivenciem toda sua potencialidade.

Vozes-Mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

Conceição Evaristo

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luis de. *Racismo Estrutural*. --São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARDOSO, Cintia. *Branquitude na Educação Infantil*. 1 ed.- Curitiba: Apris, 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese ((Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832> . Acesso em: 05 fevereiro de 2023

DA SILVA, Marcelo Penna. *O processo de urbanização carioca na 1ª República do Brasil no século XX: uma análise do processo de segregação social*. Estação Científica (UNIFAP), v. 8, n. 1, p. 47-56, 2018.

EVARISTO, Conceição. *A Escrivivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.) *Escrivivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Minha Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Vozes mulheres* In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25, Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFANCIA (UNICEF). - : CENPEC Educação. *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação*, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> . Acesso em: 05 de fevereiro de 2023 <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> . Acesso em: 5

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. Revista Brasileira de Educação. Nº 23, pgs 75-85, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 de janeiro de 2023

HOOKS, bell. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. 1952-2021. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACIEL, Maria Eunice de S. *A Eugenia no Brasil*. Anos 90, Porto Alegre, n. 11, julho de 1999. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?>

MARTINS, Thaíssa Silva. Escrivência, escrita de mulheres negras: preliminares. V Seminário Internacional Desfazendo Gênero. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_10122021000136.pdf

MÜLLER, F. *Infâncias nas Vozes das Crianças: Culturas Infantis, Trabalho e Resistência*, Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006

PESQUISA DIGITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PDAD 2021: *Relatório CODEPLAN*. Distrito Federal, 2022. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Sao_Sebastiao.pdf . Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARMENTO, M. J. *Imagário e Culturas da Infância*. [s. l.], [21-?]. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. *Pedagogia: A educação na escola*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

